

Isabel Travancas

Pensar em ciências sociais e humanas nos tempos atuais é pensar em interdisciplinaridade, em fronteiras rompidas, em mistura de gêneros. A questão da 'pureza' e da delimitação de campos, métodos e objetos vem se tornando cada vez mais complexa e de difícil argumentação. Basta citarmos o caso da história, disciplina até recentemente estruturada a partir da categoria tempo e sem vínculos com outras áreas. Depois da conhecida École des Annales, porém, tudo mudou. A relação da história com a psicologia, a antropologia e a literatura se estreitou consideravelmente. Se por alguns isto foi visto como um problema, para muitos é o resultado de uma relação cada vez mais próxima e fecunda entre os diversos campos do saber.

A antropologia enquanto disciplina nasce determinando suas especificidades e se diferenciando da sociologia. O antropólogo é aquele que viaja, vai ao encontro do 'outro' e de suas 'civilizações exóticas e distantes', preocupado em entender a cultura de cada sociedade, de cada grupo. Para isso realiza uma etnografia, entendida por C. Geertz (1978:20) como uma descrição densa. Precisa do trabalho de campo para conhecer melhor o seu objeto e captar o "ponto de vista dos nativos". Necessita vivenciar o que Roberto Da Matta (1978:56) chama de *anthropological blues*: esse sentimento de solidão no qual o pesquisador mergulha para tentar transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico.

Hoje, no entanto, o antropólogo não é reconhecido apenas pelos trabalhos com povos e culturas longínquas ou estranhas. Cada vez mais a antropologia estuda e tenta entender a nossa própria sociedade, com seus diferentes grupos, não menos 'estranhos'.

Para refletir sobre a relação entre a antropologia e a literatura são diversos

Campos 3:183-197, 2003. os caminhos que podemos percorrer. Dois deles são mais evidentes, mas nem por

isso menos ricos. O primeiro segue a via que analisa o texto antropológico como um texto literário ou como uma escrita particular, uma vez que a experiência antropológica só é apreensível através de um texto. A etnografia é vista por J. Clifford (1998:15) como uma atividade híbrida e é também entendida como uma escrita. Essa via coloca, portanto, o foco da sua atenção na escrita. Neste sentido, é inevitável lembrar de Gilberto Freyre e seu livro *Casa Grande & Senzala* (1981). “Trabalho com sociologia, história e antropologia, mas sou mesmo um escritor”, afirmava o pensador pernambucano. E não é à toa que sua obra pode ser lida sob duas óticas: a literária e a sociológica.

O segundo caminho vai na direção oposta. A partir de textos considerados literários ou ficcionais busca a compreensão de um determinado grupo, sociedade ou cultura, como se a ficção permitisse uma liberdade maior ao seu autor e, a partir dessa liberdade, fosse possível desvendar os códigos que regem aquela sociedade descrita no texto. Este percurso tem como base o conceito de C. Geertz (1978:15) que define a antropologia como uma ciência interpretativa.

O caminho que pretendo trilhar com este trabalho é ainda um outro. Busco discutir o lugar da literatura e do livro em duas sociedades modernas complexas - a França e o Brasil - usando a antropologia como mediadora e eixo teórico, mas centrando a minha atenção num terceiro elemento: a imprensa.

Esta opção pela imprensa não é aleatória ou involuntária, mas está diretamente relacionada com a minha trajetória intelectual e meus interesses acadêmicos. Penso que a indústria cultural² como um todo e a imprensa em particular são um campo riquíssimo de produções simbólicas. Penso também que este é um campo pouco explorado pelos antropólogos, talvez ainda influenciados pelas críticas ferozes de T. Adorno (1991:150-156) a esta indústria e a sua perspectiva capitalista. No entanto, creio que nos tempos modernos não é possível separar a indústria cultural e os ‘mitos’ que ela cria da própria sociedade que a produz. Há uma relação estreita entre estes dois mundos. Esta indústria é uma fonte rica para análises criativas e contundentes sobre a maneira de viver, pensar e sentir na nossa era.

Neste trabalho, pretendo analisar os seguintes suplementos literários: *Les Livres*, *Le Monde des Livres*, *Idéias* e *Mais!* Estes cadernos fazem parte de jornais de grande circulação e prestígio em seus respectivos países, circulam semanalmente – na quinta-feira os franceses e no fim de semana os brasileiros - e podem ser definidos como um espaço privilegiado, dentro da grande imprensa, para o livro, o mercado editorial e a literatura.

Para estudá-los e compreender sua organização e estrutura lancei mão de duas perspectivas distintas. Em um primeiro momento realizei uma análise do discurso dos quatro cadernos de livros através de seus títulos, manchetes, resenhas e reportagens. Posteriormente, entrevistei e analisei o discurso de trinta e seis intelectuais franceses e brasileiros diretamente envolvidos com estes suplementos, seja por serem editores, críticos literários, escritores, assessores de imprensa de editoras ou agentes literários.

O DISCURSO DOS INTELECTUAIS

Para esta pesquisa foram entrevistados 36 intelectuais franceses e brasileiros que dividi em três grupos: jornalistas, editores e acadêmicos. Foram entrevistados ainda uma livreira e um escritor. Cabe uma ressalva sobre esta divisão, uma vez que as fronteiras entre as atividades profissionais são muito tênues. O grupo é formado por 22 homens e 14 mulheres, numa faixa etária que vai de 30 a 70 anos. Tanto no caso dos brasileiros como no dos franceses, há uma pulverização dos locais de origem. Em relação à escolaridade, todos têm ao menos um título universitário. Muitos vieram de famílias de classe média ou média alta e são freqüentes os casos em que o meio familiar teve importância fundamental, não apenas na escolha profissional, como na vocação para a leitura. Vale lembrar que no Brasil e na França as editoras são, na maioria dos casos, empresas familiares. Em algumas, isto é visível a partir do próprio nome, como Gallimard, José Olympio, Calman-Lévy, Rocco; outras, embora não guardem o nome familiar, estão no poder da mesma família há várias gerações, como Record, Nova Fronteira e Seuil.

O conjunto de entrevistados pertence ao universo de camadas médias altas urbanas. Partindo da definição de camadas médias como algo mais abrangente e complexo do que meramente a classe social, considero possível encontrar semelhanças e parâmetros entre os indivíduos deste grupo. Uma das semelhanças mais marcantes seria a influência das ideologias individualistas. Como Gilberto Velho (1987) ressaltou, as sociedades complexas estão impregnadas de ideologias individualistas, ainda que não se possa falar em apenas um tipo de individualismo.

No entanto, apesar das semelhanças, como são pessoas de países diferentes e ocupações distintas não se pode falar em termos de grupo de forma absoluta. O que há em comum entre todos é possuírem uma relação estreita e direta com o campo editorial e literário de seus respectivos países, relação essa que possibilita também entre eles a criação de vínculos afetivos. Muitos estudaram juntos, ou trabalharam na mesma empresa durante um período, ou travaram contato em função do trabalho. Há também inimizades visíveis, além das rivalidades decorrentes da posição social de cada um, seja por estarem em empresas concorrentes ou por ocuparem lugares diferentes, no caso editores e jornalistas.

Creio assim que a identidade deste grupo aparentemente tão heterogêneo está expressa na noção de intelectual. Todos os entrevistados podem ser definidos como tal, até porque a definição de intelectual é complexa e abarca um vasto número de ocupações. Para Gramsci (1978:7), todos os homens são intelectuais, mas nem todos desempenham esta função na sociedade. Para o pensador italiano a distinção não viria da atividade propriamente dita, mas estaria no “conjunto do sistema de relações no qual estas atividades se encontram, no conjunto geral das relações sociais”. Este aspecto leva à questão da identidade do grupo. Não é o fato de escreverem em jornal, trabalharem em editoras ou serem professores que estabelece o laço de união entre eles, mas uma

visão de mundo particular e um estilo de vida específico. Nem todos pensam da mesma maneira, mas a forma de encarar o campo editorial e o objeto livro é muito semelhante, assim como a própria relação deles com a atividade profissional.

Na França, a categoria intelectual não é apenas uma atividade que se opõe à atividade manual, mas entidade autônoma carregada de capital simbólico e político, e que se constituiu como tal com o *affaire Dreyfus*. É o historiador Christophe Charle (1990:7) quem salienta este fato em seu livro sobre o nascimento dos intelectuais na França. Para ele, esta categoria nasceu com o julgamento e a polêmica em relação ao capitão Dreyfus em 1890, cujo ápice foi a publicação no jornal *L'Aurore* do texto “*J'accuse*”, de Émile Zola, de apoio ao capitão e contra a sua condenação. O conceito de intelectual passou a designar uma camada política e culturalmente progressista que desafiava o Estado. Jornalistas, escritores, artistas e políticos se manifestaram publicamente e influenciaram o rumo dos acontecimentos, e a imprensa teve um papel fundamental, ao contrário do meio editorial, que se manteve em silêncio, como afirmou o pesquisador Jean Yves Mollier (1995:76-85).

Mesmo terminado o processo, o termo permaneceu e passou a identificar um grupo que se definia por uma visão particular do mundo social, baseada em valores universais. Um outro dado relevante é o fato de que os intelectuais do mundo literário e universitário se aproximaram das *avant-gardes politiques* e passaram a intervir no e influenciar o campo do poder, sendo o movimento estudantil de maio de 1968 um forte exemplo.

Para Régis Debray (1979:63), o poder intelectual na França viveu três ciclos distintos: o universitário (1880-1930), o editorial (1920-1960) e o da mídia, que começou em 1968. Hoje, portanto, estamos vivendo o poder dos meios de comunicação e os intelectuais, como outras categorias, têm consciência da importância da divulgação de sua figura e das suas obras.

No Brasil, este termo esteve muito associado à idéia de engajamento de que falava Jean-Paul Sartre (1972). E Daniel Pécaut, em *Os intelectuais e a política no Brasil* (1990), chama a atenção para o fato de que, a partir da década de 50 do século passado, a palavra de ordem foi a adesão dos intelectuais às classes populares. A seu ver, porém, muitos intelectuais brasileiros já tinham se colocado a serviço do conhecimento da realidade nacional e da formação da sociedade. O intelectual tinha que estar à altura da construção da nação e era visto como portador da identidade nacional.

Em relação ao grupo pesquisado, acredito que todos podem ser nomeados intelectuais, tanto nos termos de Gramsci como nos de C. Charle. Partindo daí, é possível estabelecer paralelos entre o grupo francês e o brasileiro para além das especificidades nacionais. A partir da noção de intelectual, delimito outras especificidades, como uma relação mais estreita com os universos jornalístico e literário. Todos expressam em seus depoimentos seu “amor” aos livros e assumem um *parti pris* de defesa do livro e da literatura em todas as suas possibilidades, seja

de informação, conhecimento, entretenimento, lazer ou erudição. E, ainda que com pequenas ressalvas, todos afirmam seu pertencimento à intelectualidade. Acredito também que esta identidade não é substantivada. É, sim, uma identidade em relação a outras identidades sociais.

Os entrevistados têm uma rede de relações marcadamente influenciada pela profissão e por esta identidade intelectual, o que aponta para a idéia de *network* como resultado de escolhas e opções. Ou seja, a ênfase dada às relações sociais privilegia, através de seus depoimentos, a escolha pessoal. Não quero dizer que os laços de parentesco sejam pouco significativos ou que as relações de amizade se resumam à esfera profissional. A própria noção de *network* será importante para se entender a construção dos cadernos literários, na medida em que muitos afirmam que a escolha dos resenhistas passa por uma seleção de amigos e de outras relações pessoais do editor e de seus colaboradores. Na verdade, duas lógicas distintas atuam na construção dos suplementos literários. Ao escolher um resenhistas, o que se leva em conta é, de um lado, a competência e o conhecimento do tema tratado no livro e, de outro, a rede de relações dos produtores dos cadernos.

Apesar das diferenças pessoais e mesmo de nacionalidade, é possível afirmar que praticamente todos os membros do grupo revelaram uma postura individualista em termos de valorização de suas subjetividades pessoais. A escolha, a opinião, o sentimento, a visão particular de cada um em relação à vida em geral e ao livro em particular é extremamente valorizada e será determinante na definição do suplemento e, no caso dos editores, do catálogo da empresa.

Fica evidente no discurso dos entrevistados como eles se consideram capazes de, com suas qualidades pessoais, definir o que deve ser lido. Estes quatro jornais não são representativos de um gosto ‘popular’ ou de um estilo de vida operário, por exemplo. Ao contrário, seus suplementos são veículos de elite, redigidos para a elite. A postura dos quatro é de ‘defesa’ da obra de qualidade, julgada a partir de critérios do próprio caderno e do autor da crítica, do seu gosto pessoal e do seu conhecimento do assunto. E os depoimentos confirmam isto. Para Luciana Villas-Boas, ex-editora do caderno *Idéias do Jornal do Brasil* e editora da Record, sua seleção é arbitrária, é fruto do seu “gosto”, do seu “palpite.” O editor de *Les Livres*, do *Libération*, Antoine de Gaudemar, compartilha a mesma opinião e acredita que é preciso “dar confiança ao gosto e à escolha do grupo”, no caso os jornalistas que produzem o caderno. O crítico Claude Michel Cluny, que escreve no suplemento *Le Figaro Littéraire* do jornal *Le Figaro*, é categórico. “Só falo ou escrevo sobre o que eu quero, o que eu gosto.”

Como categoria de exceção a esta influência do gosto e da escolha pessoal estão os chamados *incontournables*. Este termo, segundo os informantes, designa os autores de quem a imprensa é *obrigada* a falar. São os escritores renomados e famosos, que na França incluiriam Marguerite Duras, Patrick Modiano, Le Clézio, Michel Rio e Michel Tournier. No Brasil, são escritores como Jorge Amado, Rubem Fonseca, João Cabral de Melo

Neto, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Dentro desta lógica, apenas os *incontournables* podem ser criticados. Um autor novo não merece esse espaço. Se ele é bom será comentado, do contrário será esquecido, o que na verdade é o pior que um suplemento literário pode fazer a um livro: ignorá-lo.

Há uma defesa clara do livro, da literatura de qualidade e desse mercado também. Creio que essa proteção e defesa da própria escrita, da palavra, como aponta um depoimento, é um dado relevante, mas aliado a ele acredito existir uma defesa individualista dos valores de cada uma dessas pessoas. Não apoiar o livro é não apoiar o ideal deste grupo intelectual, em que a cultura literária é um valor. É este o capital que eles possuem e colocam no mercado. Ele faz parte da identificação de cada um deles como pessoa, como indivíduo. Guardadas as devidas proporções, é semelhante a quando me refiro aos jornalistas e sua "adesão" à profissão (Travancas 1993:108). Há uma "adesão" deste grupo ao livro. Objeto sagrado, objeto amado que, ao mesmo tempo, dessacraliza-se, comercializa-se e banaliza-se no mercado.

De todos os entrevistados, apenas dois consideraram "enorme" o espaço dedicado aos livros na grande imprensa, aí incluídos os cadernos literários. Acreditam que não há um distanciamento crítico de outros intelectuais para avaliar o significado desse espaço. Eles não consideram negativa a atenção dispensada aos livros: ao contrário, tentam relativizá-la, tanto em termos econômicos como culturais. Um editor francês chama a atenção para o fato de a edição literária ocupar muito espaço nos jornais e movimentar pouco dinheiro. É uma indústria minoritária, a seu ver, por serem 12 mil pessoas trabalhando neste setor na França. Mas é um pequeno setor com grande visibilidade: irrisório em termos econômicos e importante em termos de autoridade. Um outro jornalista destaca que as outras áreas culturais da revista que editava certamente tinham menos espaço que a de livros. E essa disparidade fica mais gritante em relação à televisão, que movimenta um grande mercado, emprega um enorme número de pessoas e atrai um público consumidor gigantesco.

Um outro ponto que se aproxima desta questão do *parti pris* do livro é o critério de seleção das obras a serem tratadas pelos suplementos. Um editor é categórico em afirmar que as escolhas são arbitrárias e subjetivas. Mas acrescenta o fato de o suplemento fazer parte de um jornal e que, portanto, a seleção está submetida a uma hierarquia jornalística. Ou seja, a maioria dos livros abordados em todos os suplementos, tanto no Brasil como na França, são lançamentos. Esta é uma das primeiras regras. É a novidade determinando a primeira opção. Mas mesmo que os jornalistas queiram, não podem comentar tudo o que é lançado. Surge mais uma vez o imperativo jornalístico. Matéria de jornal tem espaço e prazo específicos, rígidos e na maioria das vezes apertados. A consequência é que cada vez mais os suplementos se tornaram o lugar do elogio ou de pouca crítica. A grande maioria das resenhas destaca a importância da obra, do tema ou de seu autor. E isso não é involuntário ou inconsciente. Ao contrário, é decorrente de uma postura política em relação ao livro. É assumir a defesa do livro.

A crítica literária da revista *Télérama*, Michèle Gazier, é quem melhor expressa essa postura em relação ao objeto livro.

"Eu só escrevo sobre o que eu gosto porque acho que a leitura de um modo geral está diminuindo, apesar dos prêmios e das medidas do Ministério da Cultura. Eu faço uma crítica de proteção, eu divido esse esforço de aumentar os leitores. Faço uma crítica que dê ao leitor vontade de ler. O espaço da crítica está muito pequeno, não há mais espaço para eu gastá-lo com uma crítica negativa."

A questão da defesa do livro e, consequentemente, a positividade da crítica, vai bem mais longe. Estamos chegando ao *estilo de vida* e à *visão de mundo* desse grupo e também ao seu *network*. Esta noção é importante para se entender a construção dos cadernos literários. Como afirmei anteriormente, esta resulta da interação entre a competência técnica e as relações pessoais dos produtores. Estes têm seu *status* conferido pela própria empresa. O que fica evidente no discurso dos entrevistados é como eles se consideram capazes de, com suas qualidades pessoais, definir o que deve ser lido e o que não deve. E os jornais acreditam que o papel dos suplementos literários é mostrar ao leitor o que o jornal pensa de diversas obras, valorizando as consideradas de "qualidade literária".

E há uma valorização das subjetividades por parte desta elite, ao mesmo tempo em que essas subjetividades, como não poderia deixar de ser, sofrem influências externas (ideológicas, políticas, religiosas e sociais). É assim que a questão do gosto afinal reúne, e em certo aspecto encobre, outras problemáticas: a disputa pelo poder dentro da redação e da própria editoria, o jogo de influências entre editores e jornalistas, as redes de relações de parentesco e amizade dos proprietários do jornal, as diferenças de posicionamento político de editores, jornalistas e diretores.

O RETRATO DOS CADERNOS

Creio ser possível fazer uma leitura dos cadernos literários também como resultado dessa visão de mundo, o que explicaria suas semelhanças. Não são estas determinações rígidas ou externas aos indivíduos, mas uma maneira particular de ver o mundo. É como se o mundo pudesse ser lido e compreendido dentro das páginas de um jornal, ou a partir delas. Assim não me surpreende que dois suplementos, ao abordarem um mesmo tema, possam ser tão semelhantes. A origem da semelhança, a meu ver, estaria nessa *visão de mundo* comum aos que produzem os cadernos.

Atualmente, um grande jornal é uma empresa que produz milhares de exemplares, com estrutura

organizacional planejada e cujo 'coração' é a redação. Redação que por sua vez se divide em editorias, ou seja, setores do jornal. Seus temas são, basicamente: política, internacional, o país, cidade, economia, turismo, cultura, mulher, TV e livros.

Esta divisão em editorias aponta para uma topografia do conhecimento, onde os diferentes saberes são distribuídos em áreas estanques e distintas fisicamente. Esta separação busca ser uma expressão da realidade, como se a vida pudesse ser, e fosse, compartmentada em seções. Da mesma forma é interessante perceber as fronteiras entre as editorias e o que é considerado pertencente a uma e não a outra. Quando um jornal possui um suplemento literário, é para lá que vão os livros noticiados. É este, quase sempre, o seu destino.

Todos os suplementos estão submetidos às regras básicas do jornalismo: clareza, objetividade e concisão (Rossi 1980:12). Mas cada um dos quatro selecionados dará um tom próprio a essa 'mistura' de conceitos. Estão sujeitos à influência do tempo e também à questão da novidade, como se eles definissem suas especificidades de cadernos de livros e suplementos literários, mas não negassem a sua situação de parte de um jornal diário, que vive da busca e da redação da notícia. Não por acaso, *Le Monde* define assim seu suplemento: "*Le Monde des Livres* é antes de mais nada *Le Monde*. Isto quer dizer um objeto de informação. Não é uma revista literária no interior de um jornal diário. Por isso, ao contrário de outros suplementos literários, ele sempre julgou que sua vocação era ser o mais completo possível, prestando um serviço ao leitor, permitindo-lhe encontrar o seu caminho(...)."

O nome escolhido para os quatro suplementos merece um comentário. Os franceses enfatizam o seu perfil de cadernos de livros em seus títulos: *Les Livres* (Os Livros) e *Le Monde des Livres* (O Mundo dos Livros). O primeiro mais sintético e o segundo apontando para um grande espectro - o mundo - e estabelecendo um elo com o próprio nome do jornal a que pertence. Os cadernos brasileiros, ao contrário, parecem 'fugir' das palavras livro e literatura, escolhendo outras mais amplas como *Idéias* e *Mais!*. O caderno do *Jornal do Brasil* se pretende um espaço de discussão de idéias e livros, como afirma na sua apresentação. O *Mais!* é fruto de uma junção das editorias de livros, cultura e ciência. A escolha deste advérbio reforça a idéia de soma de setores, ao mesmo tempo em que não situa o leitor ou apresenta o caderno, já que o título é vago e não delimita um caderno de livros, nem de ciência ou de cultura (posso supor que nesta opção de retirar de seus nomes a palavra *livro* há uma tentativa de conquistar leitores que normalmente não leriam estes cadernos).

Um outro dado interessante para ser investigado é a escolha do dia da semana para a publicação dos cadernos nos dois países. Os suplementos dos jornais franceses saem às quintas-feiras e os dos brasileiros nos fins de semana (*Idéias* no sábado e *Mais!* no domingo). Isso faz pensar no critério para essas determinações de dias e em que medida isso equaciona a discussão tempo e leitura. Quinta-feira é um dia de semana comum. A

escolha deste dia implica em se poder afirmar que os jornais franceses inserem estes cadernos na rotina do trabalho e do estudo, diferentemente dos brasileiros, que privilegiam uma leitura mais descompromissada com o tempo e a relacionam ao lazer e ao ócio. Como bem salientou Silviano Santiago (1993:14), em seu artigo sobre a crítica literária nos jornais:

"Vale a pena deter-se um minuto na lógica do 'suplemento'. Complemento é a parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser algo a mais que fortalece semanalmente os jornais através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente. O suplemento tem também a sua raiz fincada no emprego do tempo burguês durante os dias de trabalho, enquanto a matéria literária que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer."

Vale notar como é distinta a relação do tempo na França e no Brasil. Os dois são países ocidentais, organizam e dividem o seu tempo de maneira equivalente. Mas a percepção do tempo em relação aos suplementos é diferente. Josyane Savigneau, editora do *Monde des Livres*, estranhou a idéia de os suplementos dos jornais brasileiros circularem no fim de semana. Na França, a seu ver, isso seria impensável. As pessoas viajam, vão para o campo, vão ao cinema, não compram jornal nesses dias. São dias fracos em termos de venda de exemplares, ao contrário do que acontece no Brasil, onde o domingo é o dia mais forte.

Guardadas todas as especificidades de cada órgão de comunicação, poderia se afirmar, porém, que na essência eles são muito parecidos. Os quatro têm a mesma estrutura editorial. Todos são formados por um conjunto de resenhas sobre os novos lançamentos do mercado editorial de seus países. Alguns apresentam também uma coluna ou seção com as 'novidades'. É possível perceber em todos eles uma preocupação com o equilíbrio. Isso quer dizer dar espaço para livros de editoras variadas e não se concentrar em algumas. Os jornais franceses não publicam com constância uma lista dos livros mais vendidos, dos *best-sellers*, como acontece nos brasileiros, que dividem ficção e não-ficção e acrescentam eventualmente algum outro gênero específico.

Há resenhas, reportagens, colunas fixas, seções de lançamentos, colunas de informes gerais, mas pouco que se possa denominar crítica literária, até porque o suplemento é redigido em grande parte por jornalistas e não por especialistas e teóricos da literatura. Há também articulistas ou colunistas fixos, que têm mais liberdade e não estão tão amarrados à questão dos livros novos, podendo comentar autores e eventos, tendo entretanto sempre em mente um 'gancho' jornalístico.

Les Livres, por exemplo, utiliza com freqüência reportagens para falar dos mais diferentes temas, enfatizando seu pertencimento ao jornalismo, e não criando um espaço diferenciado dentro do jornal, como é comum em outros suplementos. O *Idéias* e o *Mais!* fazem reportagens, mas não tão assiduamente. Suas páginas são tomadas principalmente pelas resenhas e, no caso do *Mais!*, também por grandes artigos e ensaios. O *Libération* define o

perfil de seu suplemento também a partir do vínculo estreito com o jornalismo. Suas páginas são em grande parte assinadas por jornalistas; embora haja acadêmicos e cronistas fixos escrevendo, eles são minoria. Não é um caderno feito com a participação maciça de intelectuais, como é o caso do *Monde des Livres*. No caso dos brasileiros, o *Idéias* realiza reportagens eventualmente e possui uma página fixa de entrevistas, mas o corpo do caderno é preenchido por resenhas apresentadas por jornalistas e acadêmicos. O *Mais!* se singulariza pelos chamados números temáticos, onde há espaço para reportagens e entrevistas, mas são privilegiados os grandes ensaios assinados por intelectuais de renome nacional ou internacional, ou coletâneas de textos de escritores realizados a pedido do jornal, sob encomenda.

Em relação à linguagem, *Le Monde des Livres* traz textos com maior seriedade e erudição, sem um tom coloquial, utilizando muitas vezes palavras pouco comuns, fato raro nos cotidianos. *Libération*, ao contrário, opta por ousar na linguagem. Lança mão de interjeições, gírias, expressões coloquiais, confirmando a idéia de que seu público leitor é jovem. Há jogos de palavras e brincadeiras nos títulos, o que não se vê nos outros cadernos.

O *Jornal do Brasil* é redigido em uma linguagem jornalística tradicional, sem exagero de seriedade, nem ousadia, e seu suplemento literário segue a linha do jornal: textos sóbrios e manchetes precisas. Já o caderno da *Folha de S. Paulo* estaria mais próximo do *Libération*, com mais liberdade, inovando nas chamadas de primeira página, e permitindo-se mostrar poesias e desenhos gráficos. No interior do caderno, os artigos oscilam em função das assinaturas dos resenhistas e jornalistas.

Os suplementos ainda hoje são um espaço de resistência à pressão da linguagem jornalística. Nestes cadernos os textos podem ser mais extensos, mais complexos e a linguagem mais refinada e menos coloquial. É possível o texto com citações e referências a outras obras e autores, o que é pouco comum dentro do espaço do jornal.

Um outro dado é a quantidade de anúncios sobre livros nos suplementos brasileiros, muito menor do que nos jornais franceses. Em *Le Monde* e *Libération* há muitos e grandes anúncios. Anúncios de página inteira, fato raro na mídia brasileira. Aqui o livro passou a ser tratado como produto e objeto de propaganda recentemente, no final dos anos 80. Até então, os anúncios eram poucos e esporádicos.

Ao longo da análise dos quatro suplementos nos anos 90 percebi alguns eixos temáticos presentes em todos eles. Destaco aqui o romance. Uma das principais ênfases dos cadernos é dada à literatura em geral e, dentro dela, ao romance. O romance é o gênero predileto. De todos eles, o único que ainda contrabalança o peso do romance em suas páginas é o *Mais!*, que também abre bastante espaço para a poesia.

Para o pesquisador inglês Ian Watt (1990:14), esta forma literária é a que mais reflete as transformações geradoras de um texto ficcional mais inovador e impregnado de uma ideologia individualista, onde os personagens passam a ser tratados como pessoas em particular e não mais um tipo. Isso sem falar na questão do tempo, tão cara à modernidade. Talvez por tudo isso o romance seja o gênero privilegiado pela mídia.

Em relação aos quatro cadernos, é possível perceber algumas nuances. *Le Monde des Livres* é o que mais defende o livro e o romance. O livro é um objeto a ser ‘protegido’ e incentivado. Há um *parti pris* do livro. Isso é intencional e está presente nas páginas do jornal e na atitude do editor, de sua equipe e de seus colaboradores. Por princípio, o critério de escolha de uma obra para resenha ou crítica é a sua qualidade. Com raras exceções, como é explicitado nas entrevistas, o critério de escolha de um livro é sempre o fato de ele ter agrado a esse primeiro leitor. O jornal irá a público ‘defendê-lo’ pelas mais variadas razões, desde sua qualidade literária, originalidade do tema, importância da pesquisa apresentada, até o destaque de seu autor no cenário intelectual.

Ao lado de uma defesa da literatura, e do romance em particular, *Le Monde* prioriza em suas páginas a literatura e o romance francês. O jornal discorda dos que pensam estar a literatura francesa em processo de decadência. Ao contrário, ele está ao seu lado para reforçar o seu papel e lhe dar apoio. O suplemento busca em escritores renomados como Aragon, Duras ou Prévert munição para esta defesa. E aponta Philippe Sollers, Michel Rio e René Belletto, entre outros, como exemplos de literatura recente e de qualidade. Sollers, inclusive, não está nas páginas do caderno apenas como escritor, ele é também colaborador do suplemento, no qual escreve com frequência.

À primeira vista, *Les Livres* tem uma visão semelhante à de seu principal concorrente. Como ele, também defende os livros e as editoras que publicam obras de qualidade. Entretanto, este suplemento não defende a literatura francesa; ao contrário, critica sua falta de criatividade e inovação. *Libération* privilegia escritores e obras estrangeiras, que apresentem uma linguagem refinada e ousada, muitas vezes desconhecidos do grande público francês.

Os suplementos do *Jornal do Brasil* e da *Folha de S. Paulo* não apresentam uma postura tão defensiva da literatura e do romance quanto *Le Monde*, e nem tão centrada na literatura estrangeira como o *Libération*. A literatura brasileira é valorizada, mas de forma distinta pelos cadernos carioca e paulista. O *Idéias* valoriza o autor nacional, mas não faz disso sua política principal, embora ache que é preciso que as editoras abram espaço para esse autor aparecer e o leitor poder conhecê-lo. O caderno do jornal de São Paulo alterna em termos de seleção de livros. Se por um lado é pequeno o número de capas privilegiando autores nacionais, por outro o número de livros brasileiros resenhados é grande, sendo a maior parte de literatura, e dentro desta a destaque maior é para o romance. Por outro lado, o *Mais!* dá bastante espaço para a poesia, como fica expresso nas capas dedicadas a João Cabral de Melo Neto e aos poetas concretos paulistas. O caderno traz ainda para suas páginas uma seleção do que tem sido produzido em termos de literatura brasileira recente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas duas sociedades – francesa e brasileira – estão impregnadas de ideologias individualistas, que valorizam as escolhas pessoais, as subjetividades. Estes cadernos são a expressão de individualidades, afirmação de subjetividades. Como percebi a partir da análise dos depoimentos dos entrevistados, o indivíduo é um valor e seu gosto pessoal pode ser expresso e é privilegiado. Aqui não impera o discurso da objetividade da análise. Sem dúvida alguma, a visão de mundo deste grupo não é monolítica, nem sem nuances. Há variações de grau e ênfase entre seus membros, ambigüidades, influências, assim como diferentes distâncias entre discurso e prática.

Acredito que a literatura e o livro ainda são um valor nas sociedades ocidentais: valor que remete à idéia de tradição e à definição destas sociedades como letradas. Os escritores são vistos como indivíduos que obtiveram sucesso, prestígio e reconhecimento, valores expressos pela própria sociedade e da qual os jornais e seus suplementos seriam um canal. Portanto, há uma defesa do livro e da literatura presente nos dois tipos de discurso analisados: nos suplementos literários, através de suas resenhas e reportagens, e nos depoimentos dos intelectuais entrevistados. A identidade mais marcante entre os jornais e os intelectuais dos dois países é esta perspectiva de defesa de um território e de um objeto que parece estar em declínio nas sociedades modernas e que necessita ser defendido.

Sem dúvida este é um aspecto complexo e discutível. Afirma-se que hoje se lê menos do que ontem, no entanto mais livros são produzidos e novas editoras são criadas. Para tranquilidade dos intelectuais e alegria dos leitores.

Isabel Travancas é jornalista, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Professora do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ.

NOTAS

- 1 Uma versão deste trabalho foi apresentada no Simpósio “Literatura e Antropologia”, da IV Reunião de Antropologia do Mercosul.
- 2 O termo indústria cultural foi cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, pensadores da chamada Escola de Frankfurt, na década de 1930, na Alemanha. Em seu texto clássico “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, os dois autores analisam de forma extremamente crítica o papel da indústria cultural nas sociedades capitalistas. Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural, cujo principal objetivo é o lucro, levou a uma padronização e tem como centro de sua ação a diversão e o entretenimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor & Max Horkheimer. 1991. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ALBERT, P. & F. Terrou. 1979. *Histoire de la Presse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CHARLE, Christophe. 1990. *Naissance des Intellectuels*. Paris: Minuit.
- CLIFFORD, James. 1998. *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Da MATTA, Roberto. 1978. "O Ofício do Etnólogo, ou como ter *Anthropological Blues*". In Edson Nunes (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DARNTON, Robert. 1990. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DEBRAY, Régis. 1979. *Le Pouvoir Intellectuel en France*. Paris: Ramsay.
- FREYRE, Gilberto. 1981. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- GEERTZ, Clifford. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GRAMSCI, Antonio. 1978. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MOLLIER, Jean Yves. 1995. "La Presse et l'Édition dans la Bataille Dreyfusienne". *La Revue du Musée d'Orsay* 48/14(1): 76-85.
- PÉCAUT, Daniel. 1990. *Os Intelectuais e a Política no Brasil*. São Paulo: Ática.
- ROSSI, Clóvis. 1980. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- SANTIAGO, Silviano. 1993. "Crítica Literária e Jornal na Pós-modernidade". *Revista de Estudos de Literatura* 1(1): 11-17.
- SARTRE, Jean-Paul. 1972. *Playdoyer pour les Intellectuels*. Paris: Gallimard.
- TRAVANCAS, Isabel S. 1993. *O Mundo dos Jornalistas*. São Paulo: Summus Editorial.
- VELHO, Gilberto. 1987. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- WATT, Ian. 1990. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as representações simbólicas do livro e da literatura na França e no Brasil nos anos 90, a partir de duas perspectivas distintas. A primeira delas se baseia na leitura dos suplementos literários de dois jornais franceses e de dois brasileiros – *Le Monde*, *Libération*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*. A outra tem como fonte o discurso de trinta e seis entrevistados do mundo intelectual francês e brasileiro, no qual discutem como se constróem estas representações em duas sociedade modernas complexas e letreadas tão distintas culturalmente. Também faz parte desta análise uma breve discussão sobre o campo intelectual nos dois países, sua articulação com a imprensa e, mais especificamente, com os suplementos literários. Concluindo, é possível afirmar que o grupo entrevistado e os cadernos analisados fazem uma ‘defesa do livro’ e enfatizam a escrita e a literatura como um valor, de maneira muito intensa e semelhantes nos dois países.

ABSTRACT

The present work intends to discuss the symbolic representation of the book and of literature both in France and in Brazil during the 90's from two distinct perspectives. The first one is based on the reading of literary supplements from two major newspapers from each country. The second one is based on interviews with 36 intellectuals, both French and Brazilian, in which they discuss the way this representation is built in two complex modern literary societies with so many cultural differences. We also discuss briefly the intellectual field in both countries, articulating it with the press, more specifically with literary supplements. Finally it is possible to say that the group we interviewed and the supplements we analyzed in both countries are a “defense of the book” and emphasize - in a similarly strong fashion - writing and literature as a value.